

A POLÍTICA EXTERNA NORTE-AMERICANA NO INVESTIMENTO ENERGÉTICO DO CÁSPIO: A ASCENSÃO DA COOPERAÇÃO NO AZERBAIJÃO

AMERICAN FOREIGN POLICY IN THE CASPIAN ENERGY INVESTMENT: THE RISE OF COOPERATION IN AZERBAIJAN

Guilherme Moreira Leite de Mello¹

Universidade Nova de Lisboa

Departamento de Relações Internacionais

Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais

Lisboa - Portugal

Resumo: Este artigo apresenta o entendimento de como os EUA são percebidos como um ator não dominante, mas influente, em um modelo de cooperação promissor na política energética no Azerbaijão, baseando-se no pressuposto de que sua influência política tem natureza em grande parte integracionista e estratégica, com o objetivo de expandir rotas de transporte de energia para o benefício da comunidade internacional.

Palavras-chave: Cáucaso. Políticas energéticas do Cáspio. Política externa norte-americana.

Abstract: This article presents the understanding on how the U.S. are perceived as a non-dominant actor, though influential, in a promising cooperative model at the energy policy in Azerbaijan, based on the assumption that its political influence has largely integrationist and strategic nature, aimed at expanding energy transportation routes for the benefit of the international community.

Key-words: Caucasus. Caspian energy politics. USA Foreign Policy.

Recebido: 08/02/2016

Aprovado: 02/08/2016

Introdução

O interesse da política externa dos Estados Unidos da América (EUA) no Cáspio surgiu com maior intensidade a partir da quebra da União Soviética, intensificando-se após o atentado terrorista de 11 de setembro de 2001. Por combinar fatores econômicos, políticos e geoestratégicos contrastantes, esta região ganhou maior atenção na sua agenda energética e securitária. O principal objetivo da política externa estadunidense foi de auxiliar o desenvolvimento dos novos Estados em manter sua independência frente a uma nova reconfiguração geopolítica proveniente da quebra da União Soviética em 1991 e do surgimento dos regimes pós-soviéticos na Ásia Central e no Cáucaso do Sul e, conseqüentemente, priorizar os investimentos na segurança econômica e fortalecer os princípios de ganhos conjuntos, de acordo com os termos de Buzan (1998, p. 95-108).

Neste artigo, consideram-se duas hipóteses: a primeira sendo onde surgiu a participação ativa de companhias estadunidenses na negociação e na construção de rotas alternativas para o transporte de energia no Cáspio como forma de se aproveitar da fraqueza russa após o fim da

¹ guilhermelorenzetti@live.com

Guerra Fria e forçar a internacionalização destes recursos energéticos de modo a dissociar o monopólio russo e reduzir a dependência dos Estados vizinhos. A segunda mostra que a política externa estadunidense investiu na construção de *pipelines* que propositalmente desviam território russo e, simultaneamente, procuram fomentar o desenvolvimento de recursos energéticos para promover benefícios socioeconômicos para o Azerbaijão.

Assim, os EUA, por meio da política de ganhos conjuntos e segurança econômica, têm promovido *insights* de divisão ou cooperação? Argumentar-se-á que a presença estadunidense no Azerbaijão e, conseqüentemente, no Cáspio, pode trazer iguais oportunidades para o desenvolvimento, bem como aberturas para deficiências diplomáticas com atores, como Rússia, Irã e China.

No primeiro momento, será compreendido que os EUA, na essência do fortalecimento de políticas securitárias e de promoção da interdependência econômica, posicionam-se como um agente cooperativo, fundamentando-se na hipótese de que sua influência política é multilateral e visa à ampliação de rotas de transporte energético e contenção de conflitos regionais em benefício da estabilidade do Azerbaijão, sem desconsiderar que, para isto, estratégias realistas também são utilizadas. Na segunda seção, será analisada a ótica da Rússia na crescente participação estadunidense no Azerbaijão. Conclui-se constatando que a expansão econômica do Azerbaijão foi e continua sendo alargada pela presença estadunidense, mas esta não pode ser devidamente aproveitada sem a real preocupação política com suas fragilidades securitárias e sem o equilíbrio diplomático entre Rússia, China e Ásia Central.

1. O fortalecimento da tríade política econômico-securitária-energética no Cáspio

Nas últimas duas décadas, o sistema internacional passou por diversas transformações e seu resultado requereu ainda mais um pensamento flexível e objetivo dos atores estatais e não estatais e principalmente das potências hegemônicas, em realizar um papel dominante na política internacional. Pode-se observar que após eventos como o fim da URSS, o 11/09 e a crise econômica de 2008, metas essencialmente econômicas, energéticas e securitárias tornaram-se prioritárias dentre os objetivos de Estados como os EUA. Antes, jamais elas foram aplicadas de modo equivalente. Conseqüentemente, a manutenção dos bens estatais, os ganhos comuns, a cooperação e manutenção da influência securitária se tornam agenda constante no que tange à expansão da política externa dos EUA. Observa-se, então, o reforço de uma ideologia neoliberal e de uma política sobrejacente de *soft power* sobre ideais outrora comunistas com enfoque no *hard power*.

Para a política internacional hoje, compreende-se que a obtenção de recursos energéticos e a expansão de seus mercados ainda são tangentes que estão distantes e necessitam de maior aproximação. A alta mobilidade de bens, serviços, capital, pessoas e informações criam um

ambiente econômico em que fatores de produção se tornam mais importantes que a cooptação e o controle de novos territórios e, conseqüentemente, a manutenção de conflitos existentes (BLANK, 2013). Pode-se, então, afirmar que a competição por um mercado econômico mais diversificado e aberto por meio de fontes energéticas alternativas pode vir a moldar estratégias dentro da política internacional?

Quando se trata do Mar Cáspio na ótica de grandes mercados e potências hegemônicas, como a Rússia e os EUA, esta afirmação pode ser verificada como correta. Logicamente, fatores securitários também motivam intrinsecamente a corrida por diversificação, manutenção e desenvolvimento de novas estratégias de domínio econômico. Não se pode também delimitar a promoção deste desenvolvimento somente a atores estatais, levando em consideração que a participação incansável de atores privados, como empresas petrolíferas de extração, transporte e produção e organizações não governamentais. Ao observar esta característica triangular na construção do pensamento político e do desenvolvimento geoestratégico do Cáspio, faz-se pertinente analisar como a política externa dos EUA é uma ferramenta-chave neste processo.

2. A política externa norte-americana e seus interesses

O mar Cáspio é o maior mar fechado do mundo e é cercado por Azerbaijão, Cazaquistão, Irã, Turcomenistão e Rússia. Desde 1991, com a dissociação da União Soviética, os EUA começaram a desenvolver políticas de investimento na região por identificarem que o Mar Cáspio é uma fonte de recursos energéticos, alternativa para suprir sua crescente demanda interna e, conseqüentemente, veicular e expandir sua competitividade, ao se inserir nestes mercados no cenário internacional. Ao que compete o suprimento de sua demanda interna, de acordo com o Departamento de Energia dos EUA (2013), nos próximos vinte anos o consumo de hidrocarbonetos chegará aos oito milhões de barris por dia e o consumo do gás aumentará em torno de 54.4%, o que leva a crer que, em 2035, a produção de hidrocarbonetos suprirá menos de 36% da sua real necessidade.

Em concordância com os pontos expostos por Simmons, *apud* Rubin (1999, p. 8-10), é possível delinear cinco aspectos que despertaram o interesse estadunidense no investimento no Cáspio:

- a) Mitigação de conflitos regionais e promoção da cooperação frente a diferentes níveis de dificuldades durante a transição de regimes dependentes para independentes, pouca infraestrutura e, ainda, serem países de pequena representatividade como produtores petrolíferos em comparação com outros mercados;
- b) Necessidade do aumento da segurança econômica estadunidense, de seus parceiros e Estados da região por meio do desenvolvimento e da livre circulação dos recursos energéticos do Cáspio para mercados globais;

- c) Fortalecimento da independência e da viabilidade dos novos Estados, em estruturarem-se como mercados democráticos, em especial o Azerbaijão, por ter fácil acesso à Turquia e, conseqüentemente, maior facilidade em distribuir seus recursos para a União Europeia (UE).. A não estruturação desses mercados, possivelmente, causará maior instabilidade e tensões que lidarão com a segurança e a capacidade destes países se manterem independentes;
- d) Direta ou indiretamente, evitar ao máximo a dependência de rotas existentes e a construção de novas rotas que cruzassem território russo ou iraniano. Para tornar isto possível, os EUA começaram a proporcionar maior abertura para Turquia, Geórgia, Armênia e Azerbaijão;
- e) Construção de uma atmosfera em que fosse possível solidificar a participação efetiva de empresas privadas estadunidenses, como *Chevron*, *ExxonMobil*, *Moncrief Oil*, *Amerada Hess*, *Conoco-Phillips* etc.

Estes objetivos, contudo, somente podem ser concretizados se houver alternativas tangíveis capazes de efetuar o transporte efetivo destes recursos. Assim, o oleoduto *Baku-Tblisi-Ceyhan* (BTC) se tornou, dentre as diversas alternativas para o Cáspio, a mais importante para os EUA, pois sua construção claramente ia ao encontro dos objetivos supracitados (MAREK, 2007, p. 8-13). Em setembro de 1994, a companhia petrolífera nacional do Azerbaijão (SOCAR) assinou o contrato do século, de aproximadamente dez bilhões de dólares estadunidenses, com as empresas *azeris* e internacionais a fim de utilizar as regiões de *Guneshli* e *Chirag* e, conseqüentemente, permitir que os acessos aos recursos energéticos para a BTC fossem alcançados. A participação estadunidense neste investimento é evidente. Entretanto, apresentou-se de forma gradual.

A mais nova estratégia para o Cáspio surge controlada pela *Gazprom* e *SOCAR*, na idealização do *pipeline* Corredor do Sul: uma proposta de 45 bilhões de dólares estadunidenses que transportará aproximadamente 16 bilhões de m³ de gás para Geórgia, Turquia e, principalmente, Europa. Segundo Nassirov (2014), esta nova alternativa desenvolve um ambiente em que haverá novos mercados para o gás exportado através do Azerbaijão. Por meio da construção de *pipelines*, há a necessidade da construção de portos e rotas ferroviárias, além de facilitação de acesso pelas fronteiras e investimento financeiro, papel que será parcialmente feito com investimento estadunidense. Este investimento compreende ser, até o presente momento, uma estratégia bem-sucedida à abertura de novos mercados e rotas para os recursos do Cáspio, com o auxílio do Azerbaijão, evidenciando mais uma vez uma política de ganhos mútuos.

Constata-se, também, que, ao se aproximar das reservas do Cáspio, um dos objetivos estratégicos dos EUA é o de excluir o Irã de participar efetivamente na produção, na cooptação, no desenvolvimento e no transporte destes recursos energéticos até a bacia do Golfo Pérsico, Oceano Índico e, conseqüentemente, maiores mercados, como a Europa. Consoante a análise de Nichol

(2014, p. 14-6), é possível afirmar que esta política de contenção iraniana é estritamente relacionada à estratégia dos EUA de não permitir o surgimento de um poder regional dominante no Médio Oriente capaz de influenciar o mercado energético no Cáspio. A visível intolerância estadunidense é sinal de que a sua presença, apesar de cooperativa e majoritariamente econômica, sofre ameaças externas que forçam a estratégia da sua política externa em se equilibrar entre perspectivas neoliberalistas e perspectivas realistas no que tange à manutenção de seu poder hegemônico.

A presença estadunidense no Azerbaijão possui uma abordagem multipolar, por reconhecer que há ligações indissociáveis entre maior promoção de um sistema econômico e político estável por meio da tentativa do controle dos recursos energéticos e do controle da instabilidade securitária do Azerbaijão, levando em consideração a fragilidade securitária do Cáucaso como um todo (CHUFRIN, 2004). Não se pode afirmar, entretanto, que a fragilidade securitária do Cáucaso motivou a corrida pelo desenvolvimento energético do Cáspio. O fator energético, por outro lado, incentivou o crescimento da corrupção e do caráter autoritário de seus governantes.

Assim, não se pode observar a política externa estadunidense e o seu envolvimento direto no Cáspio por uma ótica exclusivista em recursos energéticos. A questão securitária do Cáspio e, conseqüentemente, do Azerbaijão, pela ótica dos EUA, é mantida como prioridade para a prevenção de novos conflitos regionais e de prevenção da exportação da violência até os EUA, na forma de terrorismo, uma vez que, para o Azerbaijão, reconhece-se que a questão energética, por mais que vital, não chega a se equiparar com sua preocupação securitária em conflitos como o de Nagorno-Karabakh.

Ao reconhecer que a tríade econômico-securitária-energética na política externa dos EUA é real e indissociável, seja pela construção de novos *pipelines* ou pela manutenção de existentes, como a BTC, seja pelo estabelecimento de empresas privadas americanas no Cáspio, seja pela necessidade de demarcação de poder nos Estados vizinhos, ou até mesmo provocação política ao Irã e Rússia, torna-se necessário avaliar a posição do Azerbaijão como coparticipante desta relação.

3. O caso do Azerbaijão: até onde vai a cooperação estadunidense?

Desde sua independência, o Azerbaijão, assim como os outros regimes pós-soviéticos, enfrentou períodos de retrocesso, como o conflito em Nagorno-Karabakh contra a Armênia, que comprometeram sua estrutura política e econômica. Até os dias de hoje, levantam-se questões sobre sua real vontade de produzir uma atmosfera democrática o suficiente para estabilizar relações multilaterais de sucesso. Parte desta atmosfera antidemocrática é relacionada ao Presidente Heydar Aliyev e sua política de preferência à estabilização nacional em sacrifício da democracia. A relação bilateral dos EUA com o Azerbaijão é moldada por meio desta premissa. Se o que define a política externa de um Estado são majoritariamente os seus interesses nacionais, o papel dos EUA no

Azerbaijão está sendo executado de forma impecável. A construção de um pensamento democrático é necessária, entretanto, por mais que a função dos EUA seja cooperar em matéria econômica, fortificar políticas regionais, promover a abertura de mercados e instituições capazes de expandir o desenvolvimento do Azerbaijão, é claramente possível observar que os EUA se preocupam primariamente com a obtenção de seus próprios interesses. Assume-se que, mesmo assim, o Azerbaijão não sai em desvantagem.

Conforme Özkan (2006, p. 56-78), os benefícios econômicos obtidos com a cooperação estadunidense têm aumentado no Azerbaijão. Isto se explica pela presença da *BTC pipeline* que atravessa Baku, mas não passa por Yerevan ou qualquer outro território armênio. A *BTC*, uma *pipeline* de mais de 1600 km de extensão, possuiu cerca de 36.2 bilhões de dólares estadunidenses em investimentos de empresas estadunidenses, como *ChevronTexaco*, *ExxonMobil* e *BP*, além de trazer 140 milhões de dólares estadunidenses em ajuda humanitária para a população deslocada por sua construção e pelos conflitos no Azerbaijão (LADAA, 2005). Este é um claro exemplo em que investimentos energéticos se fundem com prioridades securitárias.

Não se pode esquecer o fato de que o conflito de Nagorno-Karabakh é a principal prioridade do país e que, por maior cooperação em termos econômicos que estas novas alternativas venham a proporcionar, virar as costas para a problematização securitária no Azerbaijão seria comprometer diretamente todo e qualquer investimento feito no país, o que leva a crer que a extensão da cooperação deve ser compreendida por múltiplas tangentes.

A cooperação estadunidense se estende ainda mais no Azerbaijão, por ser um reflexo da sua presença na Organização para a Segurança e Cooperação na Europa (OSCE), no Banco Europeu para Reconstrução e Desenvolvimento (ERBD) e no Conselho Europeu. Há de se ponderar que a presença dos EUA no Azerbaijão deve ser equilibrada com a presença russa no espaço geoestratégico do Cáspio, pois a extensão desta cooperação, querendo o Azerbaijão ou não, depende de quão forte a presença russa e chinesa será sentida. Cabe então, analisar a posição da Rússia sobre a presença dos EUA no Cáspio e compreender se é possível manter uma relação pacífica em que benefícios econômicos e securitários poderão ser promovidos pacificamente.

4. A ponderação russa na participação estadunidense no Cáspio

A presença estadunidense no Cáspio possui uma característica congruente em que prioriza interesses ocidentais em ganhos econômicos e políticos relacionados à energia. Esta característica que se une com objetivos estratégicos, incluindo o estreitamento do relacionamento com a Turquia, o isolamento do Irã e a contenção da Rússia (OKTAV, 2005, p. 17-8) pode potencializar, ao invés de conter, insurgências já existentes no Azerbaijão. Entretanto, a Rússia não encara a situação desta maneira e procura adotar uma abordagem de política não confrontacional e menos isolacionista, já

que há uma dependência mútua da UE e, conseqüentemente, de um bom relacionamento com os EUA (FREIRE, 2007, p. 65-7). Apesar de a Rússia não receber de forma tão positiva o fim de seu monopólio, há a procura, por meio de sua política externa, do reconhecimento de áreas de influência e de uma postura mais afirmativa no que tange à realização de seus interesses nacionais. Em contrapartida, a última coisa que o Azerbaijão quer é um desentendimento com a Rússia.

Apesar disto, os EUA devem estar preparados para enfrentar uma resistência russa. A estratégia diplomática do Azerbaijão em contrabalancear seu relacionamento com os EUA e o seu fator 'influenciado' pela Rússia tem demonstrado, por diversas vezes, um único interesse: transportar suas riquezas para mercados ocidentais e expandir seu mercado por meio de investimentos de potências hegemônicas, criando um espaço de benefícios mútuos e não simplesmente como técnicas antirussas ou antiestadunidenses. Entretanto, nesta equação, não se pode ignorar o fator de potencialização de conflitos e de criação de novas instabilidades diplomáticas. A Rússia demonstra atualmente ser relutante na demarcação de sua presença hegemônica e unilateral na sua política de ganhos e relacionamento.

A presença estadunidense no Cáspio chega como um elemento necessário para o Azerbaijão, embora indesejado pela Rússia que, estrategicamente, prioriza firmar acordos com potências vizinhas, como a China. O novo acordo entre China e Rússia simboliza um ato estratégico contra as tentativas estadunidenses de sancionar e retroceder às investidas russas em relação ao Cáspio e a Ásia.

O reflexo na consciência de que a Rússia durante anos investiu na infraestrutura de exportação de hidrocarbonetos para o Ocidente e a Europa e agora mira para a Ásia traduz a preocupação russa em diversificar sua tangente de mercados e complementar seu leque energético, que hoje é preponderante na Europa. Com a crescente preocupação dos Estados europeus, que reconsideraram sua confiança e sua dependência da Rússia no setor energético, esta decidiu reforçar sua diversidade na estratégia de produção como uma resposta à pressão europeia e estadunidense. Conseqüentemente, o recente acordo prova também ser uma forma de trazer a competição com os EUA a um novo nível, desafiando companhias estadunidenses localizadas em todas as partes do Cáspio e da Ásia Central.

Conclusão

Por fim, o Cáspio está longe de ser uma região sem complexidades. É seguro afirmar que o Azerbaijão hoje se encontra perpetrando uma política estatal antidemocrática. Recusar a democracia significa comprometer múltiplos níveis de desenvolvimento nacional e levantar questões entre a comunidade internacional sobre seu real interesse em promover cooperação em nível global. E isto

se mostra, uma vez que o Azerbaijão tem falhado em executar, mesmo com investimentos estrangeiros, o desenvolvimento político e socioeconômico esperado.

A participação estadunidense no Azerbaijão se infiltrou nesta lacuna e encontrou nela uma vulnerabilidade para promover seus ideais. Por meio de cooperação, procurou atingir seus interesses nacionais e, conseqüentemente, fortalecer o Azerbaijão como um país independente. Entretanto, há incompatibilidades na estratégia econômica estadunidense, pois ela é excessivamente focada no desenvolvimento energético e embebida na promoção da democracia, indo a desencontro com o atual discurso azeri. Sendo assim, o ingrediente que pode transformar a relação entre EUA-Azerbaijão, uma fórmula de progressivo sucesso, é a necessidade de os EUA considerarem os benefícios no investimento energético em favor do desenvolvimento em matéria da segurança regional e estabilidade socioeconômica. Da mesma forma, o Azerbaijão necessita manter-se estável em uma dança diplomática entre três grandes potências hegemônicas, que apesar de promoverem ideais de cooperação, também possuem forte interesse em suceder seus objetivos nacionais, objetivos estes que podem entrar em conflito, uma vez que a relação Rússia-EUA é frágil e complexa.

Reconhecendo que o conflito em Nagorno-Karabakh senta no topo de prioridades para o Azerbaijão, a manutenção de uma atmosfera amigável com a Rússia se torna ainda mais imprescindível. A política do Presidente Heydar Aliyev é clara quando assume que se a Rússia permanecesse insatisfeita com a distribuição de energia e com o contínuo conflito em Nagorno-Karabakh, não haveria o fim da guerra. Foi o seu posicionamento rígido e sua presença militar na Armênia que pôs o ex-presidente Elchibey contra a parede e, assim, ponderou-se o cessar-fogo. Aliyev concorda que, se a Rússia assim não se posicionasse, não haveria nem mesmo a possibilidade de desenvolvimento econômico em torno dos recursos energéticos. A Rússia tem um papel importante e hegemônico nesta situação, pois, assim como os EUA, possui um apoio estratégico e militar mais preponderante em favor da Armênia no conflito de NK, o que instabiliza o Azerbaijão, não o vitimando, mas comprometendo sua já frágil situação.

A continuidade da cooptação de investimentos dos EUA, fortalecendo e expandindo suas *pipelines*, promovendo a abertura econômica de vizinhos, como Geórgia, Turquia, Ásia Central e China, também é uma necessidade central para o Azerbaijão, que apesar de se orgulhar de seu status independente, ainda não é capaz de suportar suas insurgências com as próprias mãos.

Conclui-se que o espaço econômico que foi aberto pela participação mais efetiva dos EUA somente pode efetivamente ser aproveitado se a segurança territorial e social, que foi severamente enfraquecida pelo conflito com a Armênia, for levada em consideração e, ao longo do desenvolver das suas relações, tentar-se-á encontrar uma fusão de interesses, em que o discurso securitário seja tão relevante quanto à idealização da expansão econômica pretendida pelos EUA e seus aliados.

Uma vez reconhecendo estas prioridades, torna-se igualmente relevante para o Azerbaijão posicionar-se diplomaticamente favorável e competitivo às novas estratégias energéticas que o circundam.

Referências

BLANK, Stephen (2013). Azerbaijan's Security and U.S Interests: Time for a Reassessment. **Silk Road Paper**. Washington: Central Asia-Caucasus Institute Silk Road Studies Program.

BUZAN, Barry et al. (1998). **Security: A New Framework for Analysis**. Londres: Lynne Rienner Pub.

CHANG, Felix K. (2014). **Friends in Need: Geopolitics of China-Russia Energy Relations**, publicado em Foreign Policy Research Institute [<http://www.fpri.org/articles/2014/05/friends-need-geopolitics-china-russia-energy-relations>]. Disponibilidade: 22/05/ 2014.

CHUFRIN, Gennady (2004). **The Energy Dimension in Russian Global Strategy: Russian's Caspian Energy Policy and its Impact on the U.S.-Russian Relationship**, publicado em James a. Baker III Institute for Public Policy of Rice University [<http://www.bakerinstitute.org/files/2733>]. Disponibilidade: 23/05/ 2014.

FREIRE, Maria R. (2007). Triangulating Power: Russia, Europe and the United States Security Policies and Interests Projection in a Globalizing World. *In* STIVACHTIS, Yannis A. (ed.) **International Order in a Globalizing World**. Aldershot: Ashgate, 65-84.

FREIRE, Maria R.; KANET, Roger E. (2010). **Key Players and Regional Dynamics in Eurasia: the return of the 'great game'**. Londres: Palgrave Macmillan.

JAFFE, Amy M.; SOLIGO, Ronald (2004). Re-evaluating US strategic priorities in the Caspian Region: balancing energy resource initiatives with terrorism containment. **Cambridge Review of International Affairs**, 17 (2): 255-268.

KAY, Sean (2006). **Global Security in the Twenty-first Century: The Quest for Power and the Search for Peace**. Lanham: Rowman & Littlefield Pubs.

KEOHANE, Robert (1984) **After Hegemony: Cooperation and Discord in the World Political Economy**. New Jersey: Princeton University Press.

LADAA, Munir (2005). **Transboundary Issues on the Caspian Sea: Opportunities for Cooperation**, publicado em Bonn International Center for Conversion, Paper 47 [http://www.bicc.de/uploads/tx_bicctools/paper47.pdf]. Disponibilidade: 21/04/ 2014.

MAREK, Larry T. (2007). **The Caspian Sea Pipeline: A Clear Strategic U.S. Interest**, publicado em United States Army Military Intelligence [handle.dtic.mil/100.2/ADA471547]. Disponibilidade: 28/04/ 2014.

NASSIROV, Elshad (2014). **Azerbaijan aims to boost EU's gas supply**, publicado em CNN Edition: International [<http://edition.cnn.com/video/data/2.0/video/bestoftv/2014/05/01/exp-socars-elshad-nassirov.cnn.html>] Disponibilidade: 03/05/ 2014.

NICHOL, Jim (2013). **Azerbaijan: Recent Developments and US Interests**, publicado em CRS Report for Congress [<https://www.fas.org/sgp/crs/row/97-522.pdf>]. Disponibilidade: 11/04/ 2014.

_____. (2014) Armenia, Azerbaijan and Georgia: Political Developments and Implications for U.S. Interests. **Congressional Research Service Reports**, 8: 8-37.

OKTAV, Ozden Z. (2005). American Policies towards the Caspian Sea and the Baku-Tbilisi-Ceyhan pipeline. **Perceptions**, Spring Issue: 17-34.

OSKANIAN, Kevork (2013). **Fear, Weakness and Power in the Post-Soviet South Caucasus: a theoretical and empirical analysis**. Basingstoke: Palgrave Mcmillan.

ÖZKAN, Güner (2006). Economic and Security Values of Caspian Energy for Azerbaijan. **Review of International Law and Politics (RILP - UHP)**, 2 (6): 58-76.

RUBIN, Vadim (1999). **The Geopolitics of Energy Development in the Caspian Region: Regional Cooperation or Conflict?**, publicado em Center for International Security and Cooperation [<http://iis-db.stanford.edu/pubs/10337/caspian.pdf>]. Disponibilidade: 10/04/ 2014.

SULAIMAN, Sadia (2001). **U.S. Policy in Oil Rich Caspian Basin**. Islamabad: Institute of Strategic Studies.

TRINDLE, Jamila (2014). **Gas Deal Could Complicate Sanctions Threat Against Russia**, publicado em The Cable for Foreign Policy [[http://thecable.foreignpolicy.com/posts/2014/05/21/gas_deal_could_complicate_sanctions_threat_a gainst_russia](http://thecable.foreignpolicy.com/posts/2014/05/21/gas_deal_could_complicate_sanctions_threat_against_russia)]. Disponibilidade: 22/05/ 2014.

UNCTAD. World Investment Report, (2000) **Cross-Border Mergers and Acquisitions and Development**, New York e Geneve: United Nations.

U.S DEPARTMENT OF ENERGY (2001). **Reliable, Affordable, and Environmentally Sound Energy for America's Future**, publicado em Cheney Report of the National Energy Development Policy Group, May [<http://www.wtrg.com/EnergyReport/National-Energy-Policy.pdf>] Disponibilidade: 30/04/ 2014.

U.S. DEPARTMENT OF ENERGY (2013). **Annual Energy Outlook..** Washington D.C.: U.S Energy Information Administration/ US Department of Energy.

VELIYEV, Ceyhun (2011). **U.S. foreign policy towards Azerbaijan**, publicado em The Washington Review of Turkish and Eurasian Affairs [<http://www.thewashingtonreview.org/articles/us-foreign-policy-toward-azerbaijan.html>]. Disponibilidade: 20/04/ 2014.

WELT, Cory (2006). **Azerbaijan and U.S. Foreign Policy**, publicado em Center for Strategic and International Studies Briefing [https://csis-prod.s3.amazonaws.com/s3fs-public/legacy_files/files/media/csis/pubs/060426_ruseura_recommwelt.pdf]. Disponibilidade: 22/04/ 2014.